

A INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO ALÉM DO ENSINAR/APRENDER

Ângela Cristina Barros Defensor (UEPB – Residência Pedagógica/CAPES)¹

Ana Beatriz Brennand Gomes (UEPB – Residência Pedagógica/CAPES)²

Aluska Maria Luna da Silva (UEPB – Residência Pedagógica/CAPES)³

Gilda Ribeiro Carneiro Neves (UEPB – Residência Pedagógica/CAPES)⁴

INTRODUÇÃO

A escola segue em processo de evolução constante, com isso, aumentam as exigências por parte dos professores que precisam ficar atentos sobre as mais variadas formas de abordar os conteúdos adequando-os à realidade social e subjetiva de cada aluno e/ou turma. Por outro lado, mesmo com os olhares voltados para o meio digital, muitos professores continuam utilizando métodos baseados no ensino tradicional. Como afirma Chalita (2004) “todo jovem gosta de aprender o novo, tudo que é curioso. O que acontece, no entanto, é que ele não consegue perceber nada de interessante no conteúdo ou na forma como a aula é ministrada”.

Este trabalho tem como objetivo analisar a interação entre professor e aluno no processo de ensino/aprendizagem, já que estamos diante de uma geração que é digital, é conectada, capaz de executar multitarefas, “donos de si”, mas que ainda necessitam de orientações. Além disso, vivemos um século cheio de opções metodológicas, frente a distintas realidades e para que não haja barreira nesta relação de ensinar e aprender é necessário ter a consciência crítica de respeitar e interagir o modo de ser e viver de cada um.

Este trabalho é relevante para a comunidade acadêmica por abordar um tema bastante atual para a sociedade e para que os futuros professores percebam que a educação vem se renovando e com ela a atenção voltada para o protagonismo juvenil.

Portanto, a partir da nossa pesquisa pretendemos mostrar a importância do docente em promover essa interação que poderá refletir diretamente no comportamento do discente, além de contribuir para que o ambiente escolar se torne um espaço agradável e de boa e respeitosa convivência.

METODOLOGIA

Utilizaremos como metodologia pesquisas bibliográficas referentes ao papel da escola, do professor e do aluno, levando em conta a interação entre professor e aluno. Tomaremos por base as pesquisas de Fontana & Cruz (1997), Libâneo (2013), Chalita (2004), Freire (2005), Nunes (2009) e Oliveira (2014).

¹Graduanda do curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba –PB angeladefensor@gmail.com;

² Graduada do curso de Letras Espanhol Universidade Estadual da Paraíba –PB beatrizbrennand@gmail.com;

³ Professora Esp. pela Universidade Estadual da Paraíba PB aluskaluna@hotmail.com;

⁴ Professora Orientadora: Doutora em Literatura e Interculturalidade pela UEPB/UNAM, profgilda23@gmail.com

DESENVOLVIMENTO

O processo de ensino/aprendizagem precisa ser trabalhado relacionando a teoria com o lúdico, com atividades dinâmicas e interativas, para proporcionar ao aluno uma aprendizagem eficiente e ao mesmo tempo agradável:

O conceito de aprendizagem em Vygotsky vem do vocabulário russo *obuchenic*, que se refere ao “processo de ensino-aprendizagem”, ou seja, implica a dimensão do que aprende e de quem ensina, e conseqüentemente, o intercâmbio social. [...]Vygotsky fala acerca de dois tipos de aprendizagens de conceitos: **a)** Espontâneos, que são adquiridos nos contextos cotidianos de atividade da criança, como os papéis de cada membro da família (pai, mãe, irmão), a função de objetos e utensílios domésticos (para que servem a colher, prato, cadeira, etc). **b)** Científicos, adquiridos por meio do ensino, como por exemplo, os conceitos matemáticos de números decimais, conjuntos, variáveis e os conceitos de verbo, adjetivo, substantivo, vinculados à compreensão da linguagem escrita. (NUNES, 2009, p.102)

Para entendermos melhor como se dá a interação entre professor e aluno além do ensinar/aprender, começamos nossa abordagem a partir do surgimento da escola. De acordo com o dicionário etimológico a palavra escola tem sua origem na Grécia antiga com SKHOLÉ, evoluindo para o latim SCHOLA, que significa “discussão ou conferência”, assim como “folga, ócio”, pois as pessoas costumavam ir à escola em seu tempo livre para conversar e refletir.

A escola surgiu na Mesopotâmia e no Egito, restrita aos que tinham grande poder aquisitivo. Na Grécia antiga as crianças eram educadas em suas residências com o ensino voltado para valores e condutas sociais. Enquanto que na Europa medieval o conhecimento estava limitado aos membros da igreja.

Em meados do século XII foi criado o modelo de escola que temos hoje com professores e alunos, mas foi no século XIII que surgiu o movimento da ilustração ou iluminismo defendendo a escolarização para todos. No transcorrer do século XIX e XX o ensino começou a ser obrigatório em boa parte dos países.

A educação é uma tarefa eminentemente social, pois tanto os pais como a comunidade escolar devem estar interligados para melhor desenvolvimento intelectual do aluno, promovendo, assim, os conhecimentos e habilidades que devem ser acumulados pela experiência social da humanidade.

Já no século XVII, as práticas escolares se resumiam a repetições dos ensinamentos do professor e um ensino dogmático, intelectualista e verbalista. Ao longo deste século, muitas mudanças ocorreram no campo da ciência e da cultura e segundo Libâneo (2013) influenciaram alguns teóricos: “Jean Jacques Rousseau (1712-1778) pensador que procurou interpretar essas aspirações, propondo uma concepção nova de ensino, baseada nas necessidades e interesses imediatos da criança”. Para Rosseau, são os interesses e necessidades imediatas do aluno que determinam a organização do estudo e seu desenvolvimento, pois a educação é um processo natural. No entanto, Rousseau nunca elaborou uma teoria de ensino e nem colocou suas ideias em prática.

O professor tem um compromisso social de formar cidadãos, diante dessa afirmação, temos certa noção dos desafios que os professores enfrentam diariamente, ao levarmos em conta que o ato de ensinar vai muito além de uma aprendizagem com repetições e exercícios gramaticais. É o que propõe Libâneo (2013) ao contemplar o pensamento do pedagogo

alemão Johann Friedrich Herbart (1766-1841), reforçando a importância do docente que por ele era visto como um instrutor: “A principal tarefa da instrução é introduzir ideias corretas na mente dos alunos. O professor é um arquiteto da mente”.

O professor deve estar ciente do poder transformador que tem em mãos, como relata Oliveira (2014) aos já consolidados e a nós, futuros professores, que dispomos de elementos fundamentais que a prática pedagógica envolve, como:

O livro didático adotado pela escola; a metodologia que o professor acredita ser a melhor para os alunos aprenderem no contexto em que se encontram; as atividades que ele leva para a aula; a relação do professor com os alunos e dos alunos entre si; a relação entre o professor e a instituição em que trabalha. (OLIVEIRA, 2014, p.11)

Porém, quando se trata de escola pública de uma comunidade carente, por exemplo, há um desafio que requer bastante atenção por parte do educador, que é unir o processo de ensinar a alguns fatores que se referem diretamente aos alunos, como idade, classe social, condições de moradia, ambiente familiar que estão inseridos, etc. Podemos tomar como exemplo, o pedagogo suíço Henrique Pestalozzi (1746-1827), que segundo Libâneo (2013), dedicou sua vida à educação de crianças pobres, pois via o ensino como agente transformador. Para Oliveira (2014), o professor deve ser um facilitador da aprendizagem, que contribua para a criação de uma atmosfera afetiva (emocional e psicológica) positiva em sala de aula e que veja os alunos como seres ativos e responsáveis pela construção de seus conhecimentos, pois, aprender é um processo de construção do ser.

Ao tomar consciência dos seus direitos e deveres perante a sociedade, o aluno torna-se capaz de transformar sua realidade, sua condição, a construção do seu conhecimento, e isto fará toda diferença. Quando analisamos a teoria de Vygotsky, através de FONTANA & CRUZ (1997), percebemos a importância que têm os primeiros ensinamentos dos pais e/ou responsáveis, e isso contribui para a aprendizagem que as crianças carregam desde o nascimento até chegarem à pré-escola. Segundo FONTANA & CRUZ (1997), é importante envolver as crianças no dia a dia da família para que ela passe a conviver com cenários reais e construa seu conhecimento de mundo:

“Nas brincadeiras, nas tarefas de casa, nas compras que faz para a mãe, a criança, imitando os mais velhos, ‘escreve’, classifica, compara, seria, estabelece relações entre elementos de uma situação, etc. Nessas situações, sem que ela própria e seus parceiros percebam, os conhecimentos vão sendo elaborados ao ritmo da própria vida, entrelaçados às emoções, às necessidades e interesses imediatos da atividade em que está envolvida.” (FONTANA & CRUZ, 1997. p. 66).

De acordo com Libâneo (2013) “a prática educativa, é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e ao funcionamento de todas as sociedades”. É através desta prática educativa que os alunos terão certa “influência” na sociedade em que vivem, o que os tornará capazes de estabelecer relação ativa e transformadora no meio social.

Para que o processo de interação seja produtivo, é necessário que educadores e educandos atuem em sala de aula com respeito, desejo de ensinar e de aprender, abrindo novas possibilidades de diálogos, percebendo a necessidade que exige o processo.

As ligações entre ensino e aprendizagem têm suas primeiras ocorrências no século XVII, e de acordo com Libâneo (2013) se dão a partir da contribuição do pastor protestante

João Amós Comênio (1572-1670), primeiro educador a formular a ideia da difusão dos conhecimentos a todos. As ideias de Comênio estavam calcadas na religião, na natureza, na assimilação dos conhecimentos e no método intuitivo.

Dentro do ambiente escolar, estará refletida essa interação, por se tratar de um local onde existem normas e regras, que foram criadas para serem cumpridas por todos os envolvidos neste processo. Para ocorrer interação entre os professores e os alunos, segundo Libâneo (2013), é necessário observar as condições de vida do alunado e a realidade na qual estão inseridos. Sendo assim, os docentes devem levá-los a refletir sobre suas vidas e a aprimorar o conhecimento do mundo em que vivem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que se observa é a tentativa da quebra de barreiras existentes entre o educador e o aluno, antes severas e distantes, que Paulo Freire denomina Educação Bancária: o professor tenta depositar seu conhecimento na mente dos estudantes como se esses fossem desprovidos de seus próprios pensamentos.

O professor não tem como única função a transmissão do conhecimento no ambiente escolar, ele não pode ficar preso apenas ao ato de ensinar, a um processo rígido, para conseguir a interação dos alunos. Ele pode trazer para a sala de aula elementos lúdicos e atividades dinâmicas para que o conteúdo se torne mais claro, e seja assimilado de forma mais suave e facilitada.

Diante destes aspectos, é de nosso interesse apresentar os fatores que contribuem para uma educação a serviço da transformação social, buscando identificar as condições favoráveis para que a interação entre professor e aluno se consolide:

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e metas, estrutura e organização e de sua dinâmica, das relações da escola com a comunidade, e favorece uma aproximação. (LIBÂNEO, 2004, p. 102)

Como futuros professores, devemos levar para a sala de aula conteúdos de competência gramatical, discursiva e sociolinguística, mas, não devemos nos esquecer de unir todas essas competências à realidade dos alunos, deixando os estereótipos para trás, já que a proposta é conhecê-los com mais profundidade, sempre levando em conta que algumas atitudes e respostas negativas por parte de alguns alunos, a exemplo de alcoolismo, agressão física ou verbal, se dão, muitas vezes, pela influência de um ambiente familiar desestruturado.

O respeito é a chave que abre todas as portas. Então, devemos trazer esta palavra diariamente para a sala de aula, como se fosse uma bandeira hasteada, pois, as condições físicas, aspectos sociais e culturais de cada aluno devem ser acolhidos e trabalhados com muito cuidado, para que não venha a ocorrer nenhum tipo de preconceito. A interação se assemelha à boa convivência estabelecida entre professores e alunos. Como afirma Libâneo (2013) “se a interação foi boa, então vai haver transmissão/assimilação ativa de ambas as partes”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho pudemos observar que para os alunos terem uma assimilação do conteúdo de forma produtiva, o interlocutor, que nesse caso é o professor, deve ter uma preparação do conteúdo criativa e de fácil transmissão, considerando a realidade de cada aluno, permitindo que a aula seja dinâmica, produtiva e participativa, além de haver a transmissão-assimilação neste processo de ensino/aprendizagem.

Por sua vez, sabemos que o docente encontra grandes barreiras com as mudanças da sociedade atual, já que, muitas vezes se depara com salas de aulas cheias, falta de estrutura (realidade de muitas escolas), conteúdos programáticos para cumprir, aulas uma vez por semana, entre outras. É notório que, muitas vezes, há a necessidade de que o professor atue como um “psicólogo”, principalmente quando percebe algo fora do cotidiano de determinado aluno, como mudança de humor, agressividade e pouco interesse pelo conteúdo. Compreendemos que a boa relação dentro de uma sala de aula é essencial para que a interação se solidifique e para que o desenvolvimento dos alunos seja um reflexo deste empenho. Enfim, como agente de transformação, o professor é capaz de enfrentar todas as negativas para que a aprendizagem seja de fato efetivada.

Palavras-chave: Professor; Aluno; Ensinar; Aprender.

REFERÊNCIAS

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

FONTANA, R. A. C. CRUZ, M. N. **Psicologia e trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 43ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5ed. Ver. ampl. – Goiania: Editora Alternativa, 2004.

NUNES, A. I. B. L. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber Livro, 2009.

OLIVEIRA, L. A. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2014.